



**ENAN
PUR** 2023
Belém 22 a 26 de maio



Capital europeia? A história do carnaval curitibano e reflexões para os dias atuais

Isabela Borghetti Miranda
Universidade Federal do ABC - UFABC

Sessão Temática 06: Cidade, história e identidade cultural

Resumo. Este artigo busca evidenciar a produção da imagem de Curitiba como uma Capital Europeia por meio das práticas de planejamento urbano e o reflexo dessas práticas no carnaval da cidade. As dinâmicas culturais foram enquadradas na organização espacial intrínseca às políticas públicas de concepção da identidade da “cidade-modelo”, instituída a partir da década de 1970. Esse fato, junto com um processo de invenção de tradições e do próprio passado, colocou o negro como não existente na sociedade curitibana. Dessa forma, o carnaval de Curitiba anualmente enfrenta dificuldades para acontecer, desde o século XIX. Entretanto, a partir de 1999 um movimento de retomada das ruas por blocos carnalescos pode ser observado, crescendo anualmente e atingindo números recordes em 2020. Dessa forma, se faz necessário refletir sobre o passado e o presente desta festa, que se constitui como instrumento para o exercício do direito à cidade.

Palavras-chave. Carnaval; Direito à cidade; City-marketing; Curitiba.

European capital? The history of Curitiba’s carnival and reflections for the present day

Abstract. This article aims to highlight the production of the image of Curitiba as a European Capital through urban planning practices and the effects of these practices in the city’s carnival. The cultural dynamics were framed in the spatial organization intrinsic to public policies for the conception of the identity of the “model city”, instituted from the 1970s onwards. This fact, together with a process of invention of traditions and the past itself, placed the black people as non-existent in Curitiba society. In this way, the Carnival of Curitiba annually faces difficulties to happen, since the 19th century. However, from 1999 onwards, a movement to take over the streets by carnival blocks can be observed, growing annually and reaching record numbers in 2020. Thus, it is necessary to reflect on the past and present of this party, which is an instrument for the exercise of the right to the city.

Keywords: Carnival; Right to the city; City-marketing; Curitiba.

Capital europeia? La historia del carnaval de Curitiba y reflexiones para la actualidad

Resumen. Este artículo busca resaltar la producción de la imagen de Curitiba como Capital Europea a través de prácticas de planificación urbana y los efectos de estas prácticas en el carnaval de la ciudad. Las dinámicas culturales se enmarcaron en la organización espacial intrínseca a las políticas públicas para la concepción de la identidad de la “ciudad modelo”, instituidas a partir de la década de 1970. Este hecho, sumado a un proceso de invención de las tradiciones y del propio pasado, situó el negro como inexistente en la sociedad curitibana. De esta forma, el Carnaval de Curitiba enfrenta anualmente dificultades para realizarse, desde el siglo XIX. Aunque, a partir de 1999 se observa un movimiento de toma de calles por bloques de carnaval que crece anualmente y alcanza números récord en 2020. Así, es necesario reflexionar

sobre el pasado y presente de esta fiesta, que constituye un instrumento para el ejercicio del derecho a la ciudad.

Palabras clave: Carnaval; Derecho a la ciudad; City-marketing; Curitiba.

1. Introdução

*“Ô abre alas que eu quero passar
Peço licença pra poder desabafar”
Chiquinha Gonzaga*

Para o historiador inglês Peter Burke (1989) o carnaval é uma especialidade brasileira, ainda que tenha sido importado da Europa. Os europeus que visitam o país durante o período carnavalesco podem até questionar se nos apropriamos ou criamos essa festa. Para o autor, assim como outras tradições europeias, o carnaval foi traduzido para o “Novo Mundo” e, graças a franceses, espanhóis e portugueses, o carnaval é parte importante das sociedades de diversas cidades nas Américas. Os paralelos entre a tradição carnavalesca europeia e americana são diversos, como o Entrudo, o costume de usar máscaras e os desfiles de carros alegóricos. Entretanto, o carnaval no continente americano é mais que uma importação europeia, ele se transformou e se adaptou às condições locais.

Dentre os principais aspectos dessas transformações, cita-se a fusão com a dança e a cultura africana. Os elementos da cultura africana no carnaval, bem como em outras festas latino-americanas, estão vinculados aos bailes e às danças – essas frequentemente associadas a práticas religiosas. Burke (1989) explica que não existia carnaval na África tal como o entende-se hoje, mas a presença daquilo que os ocidentais denominaram “carnavalesco”¹, era muito difundida. Em suma, o autor diz ser o elemento africano que distingue os carnavais americanos dos europeus.

Não obstante, o carnaval de Curitiba sempre foi alvo de comentários pejorativos. Dentre as afirmações mais recorrentes está a de que “Curitiba não tem carnaval”. Afirma-se que, por causa da sua colonização, o curitibano não tem gingado e, devido ao seu perfil conservador e elitista, não gosta do carnaval, cujo caráter de festa genuinamente popular não se desenvolveu aqui, como em outras regiões do Brasil (FREITAS, 2004).

Movimentos para acabar com o carnaval curitibano são constantes e ocorrem desde o século XIX. Com tantas adversidades, se pergunta: existe, de fato, espírito carnavalesco em Curitiba? Há quem diga que a “cidade” não deseja a festa carnavalesca e surgem, a cada ano, propostas para utilizar o feriado para atividades mais “apropriadas” ao *ethos* da cidade, como festivais de música clássica, cinema, dança, e outros (BAPTISTA, 2007).

Dentre as explicações para tal contexto, cita-se que ocorre a disseminação de uma ideia de uma “Curitiba branca”, inviabilizando o negro na sociedade, propagando somente a ideia eurocêntrica da capital curitibana, de forma que a cultura negra não é disseminada da mesma forma que as demais na cidade (OLIVEIRA, 2021). Com base nisso, este artigo busca evidenciar a produção dessa imagem europeia de Curitiba, os reflexos disso histórica e atualmente no carnaval curitibano e as suas implicações no exercício do direito à cidade, conforme proposto por Lefebvre (1991).

No Brasil ocorrem três tipos de eventos carnavalescos: (i) o carnaval organizado, marcado por desfiles oficiais, patrocinados pelo poder público ou órgão de imprensa, que agregam escolas de samba ou outros tipos de sociedades

carnavalescas; (ii) o carnaval de salão, caracterizado por festas e bailes fechados, realizados principalmente por clubes com acesso restrito aos sócios, convidados ou pagantes; e (iii) o carnaval espontâneo, das folias de rua, próprias do carnaval popular, aberto à participação de qualquer pessoa. Os dois primeiros caracterizam-se por um caráter excludente, enquanto o carnaval espontâneo apresenta um lado mais democrático e diverso dessa festa (BRAGA; VIEIRA, 2013).

As análises das manifestações carnavalescas apresentadas neste artigo concentram-se no carnaval espontâneo da cidade, pois, conforme entendimento de Bakhtin (1987), o carnaval deve ser vivido, não observado – assim, a rua se constitui como espaço adequado por recusar o espetáculo que separa palco e espectadores.

2. “Curitiba dormiu sertaneja, acordou europeia”

*“Curitiba europeia do primeiro mundo
Curitiba alegre do povo feliz
essa é a cidade irreal da propaganda
[...]
dessa Curitiba não me ufano
não Curitiba não é uma festa
os dias da ira nas ruas vêm aí”
Dalton Trevisan*

A ideologia do branqueamento foi uma espécie de Darwinismo social que apostava na vitória do elemento branco sobre o negro com a vantagem de produzir um homem “ariano” adaptado às condições brasileiras a partir do cruzamento inter-racial. Tal teoria, aceita pela maior parte da elite do país no início do século XX, analisava a miscigenação como não produtora de “degenerados”, mas de uma população mestiça capaz de tornar-se branca física e culturalmente, disceminando a crença que o Brasil estava progressivamente se tornando branco e continuaria neste rumo (SOUZA, 2003).

As práticas de planejamento urbano não são neutras, mas concebidas em um contexto econômico, político e cultural. Desde que o continente americano passou a ser parte da História Europeia, nossos territórios passaram a ser concebidos a partir dos modelos de lá importados (VAINER, 2014). No mesmo sentido, Haesbaert (2018) aponta que o território sempre envolve uma dimensão simbólica e cultural, atribuída pelos grupos sociais como forma de apropriação, mas também envolve uma dimensão político-disciplinar, configurando uma forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.

Capital de primeiro mundo, cidade modelo, capital ecológica, são alguns dos termos que compõem a imagem da cidade de Curitiba, a nível local e, até mesmo, internacional (SANCHEZ, 1994). De acordo com Savoia et al. (2019) a política que colocou Curitiba como uma cidade modelo gerou, também, uma visão homogênea da cidade, pautada pela idealização de uma “cidade europeia”. Nesse sentido, Larisse Oliveira (2021) coloca que houve um processo de invenção de tradições e do próprio passado, afirmando que “não é que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como não existente”, visão ilustrada a partir da leitura do trecho a seguir:

Assim é o Paraná. Território que do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil uma nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. Sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-

se-ia que a sua definição humana não é brasileira (MARTINS apud SOUZA, 2003).

De acordo com Freitas (2004), Curitiba sempre negou o elemento negro de sua paisagem e sua memória, atitude que continua permeando o pensamento da sociedade curitibana. O autor expõe, por exemplo, os atos de racismo vividos pela líder do Movimento Negro em Curitiba ao participar de uma celebração paralela dos festejos dos 300 anos da cidade, já que da celebração oficial o negro havia sido excluído. Na ocasião, participantes da audiência sussuravam para que ela ouvisse expressões acerca de sua presença como “é o fim do mundo”.

O autor cita, também, a ausência de bibliografia sobre a presença do elemento negro na sociedade paranaense. Poucas são as matérias de jornais, os livros ou ensaios sobre o tema, resultado de um fazer histórico da sociedade, cujos intelectuais e interlocutores sagram um Paraná sem a presença de negros, ainda que a história do estado esteja marcada pela escravidão e acontecimentos como o “Cormorant”². Em contraposição a esta ausência de literatura, há uma política de disseminação da ideia de que o Paraná é europeu por historiadores como Romário e Wilson Martins, coroada pela visão de que “aqui é o Brasil que deu certo como produto do trabalho do branco europeu”.

Retrato indelével desse discurso da construção da sociedade curitibana a partir do trabalho de imigrantes europeus é o livro “Curitiba – Luz dos Pinhais” do atual prefeito da cidade, Rafael Greca de Macedo. No capítulo intitulado “Curitiba dormiu sertaneja, acordou europeia”, o autor afirma que “O Paraná, que já tivera 1/3 da sua população de negros escravos, ganhou uma população predominantemente branca, com majoritária influência europeia”.

Ainda que sejam brevemente apresentados números que corroborem a existência histórica do negro na sociedade paranaense, conforme apresentado no Quadro 1, e Macedo (2016) cite que inicialmente a história de Curitiba fora “protagonizada por índios nativos, ibéricos – portugueses e espanhóis – e negros transplantados da Mãe África”, sua atenção recai aos “novos atores” dessa história, e dedica os capítulos subsequentes ao retrato do trabalho de imigrantes germânicos, noruegueses, italianos, espanhóis, franceses, árabes e ucranianos.

Quadro 1. População negra no Paraná no século XIX (fonte: Macedo, 2016).

Ano	População total	População escravos	de Percentual de escravos
1818	11.014	1.587	14,40%
1838	16.155	1.941	12%
1854	62.358	10.189	16,33%

A origem da discriminação racial remonta à passagem do século XV para o XVI, no processo de formação do continente americano e do capitalismo, pautada na ideia de raça, o mais eficiente instrumento de dominação social dos últimos quinhentos anos, de acordo com Quijano (2007). Thomas (1994) pontua que, desde a década de 1970, as mudanças mais perceptíveis nas comunidades negras nas metrópoles dizem respeito à maior segregação e estagnação social e econômica e que, infelizmente, o problema não está somente nos diferentes efeitos que o planejamento gera nas diferentes raças, mas que os planejadores reforçam o quadro de discriminação racial por meio das políticas públicas aplicadas. Por sua vez, Achille Mbembe (2018), traz que no intuito de reforçar a

discriminação - ao mesmo tempo em que a camufla - a cultura e a religião são mobilizadas para assumir o papel da biologia.

Com a criação da Fundação Cultural de Curitiba em 1973, na primeira gestão do prefeito Jaime Lerner, as políticas culturais do município, voltadas para a classe média, buscavam enquadrar as dinâmicas culturais na organização espacial intrínseca às políticas públicas de concepção da identidade da “cidade-modelo” que vinha sendo instituída. Selma Baptista (2007) afirma que tratava-se de uma “adequação entre o modelo vigente de agenciamento cultural [...] e as demandas populares”. Para a autora, o carnaval é um exemplo dramático desta situação, pois anualmente ocorrem embates entre a comunidade carnavalesca e a FCC, como será apresentado no capítulo a seguir.

Contudo, outras iniciativas das gestões municipais que corroborem a imagem de uma cidade europeia podem ser citadas. No início da década de 1990 – período correspondente ao terceiro mandato de Jaime Lerner e primeiro mandato de Rafael Greca, foram construídos três pontos turísticos na cidade: a Rua 24 Horas, galeria que “relembra as galerias francesas do século XIX”; a Ópera de Arame, “uma reinterpretação das edificações clássicas como a Ópera de Paris”; e o Jardim Botânico, que “remete aos antigos palácios de cristal ingleses” (SÁNCHEZ, 1994).

A fim de coroar essa visão, em 1994 foi criada a Linha Turismo – efeito e recurso de tais imagens da cidade (SAVOIA et al, 2019). Atualmente, a Linha Turismo percorre aproximadamente 48km, passando por 26 pontos turísticos. Conforme pode ser observado na Figura 1, alguns desses pontos são expressamente referentes à cultura europeia, sendo eles o Portal Italiano, o Memorial Ucrâniano, o Bosque Alemão e o Memorial Polonês, além de incluir os citados anteriormente (CURITIBA, 2022a).

Além destes espaços públicos integrantes do roteiro da Linha Turismo, pode-se citar a Praça da Ucrânia, Praça do Japão, Bosque de Portugal, Praça da Espanha, Praça da Polônia e o mais recente, implantado em 2019, o Memorial Inglês. A única praça com referência à população negra é a Praça Zumbi dos Palmares, localizada na região periférica da cidade, a 10km do ponto mais próximo por onde passa a Linha Turismo.

Para Sanchez (1997) o discurso dominante da identidade almejada está ligado a um conjunto de valores que “não são anseios meramente culturais, mas intrinsecamente articulados e necessários à modernização capitalista do espaço”.

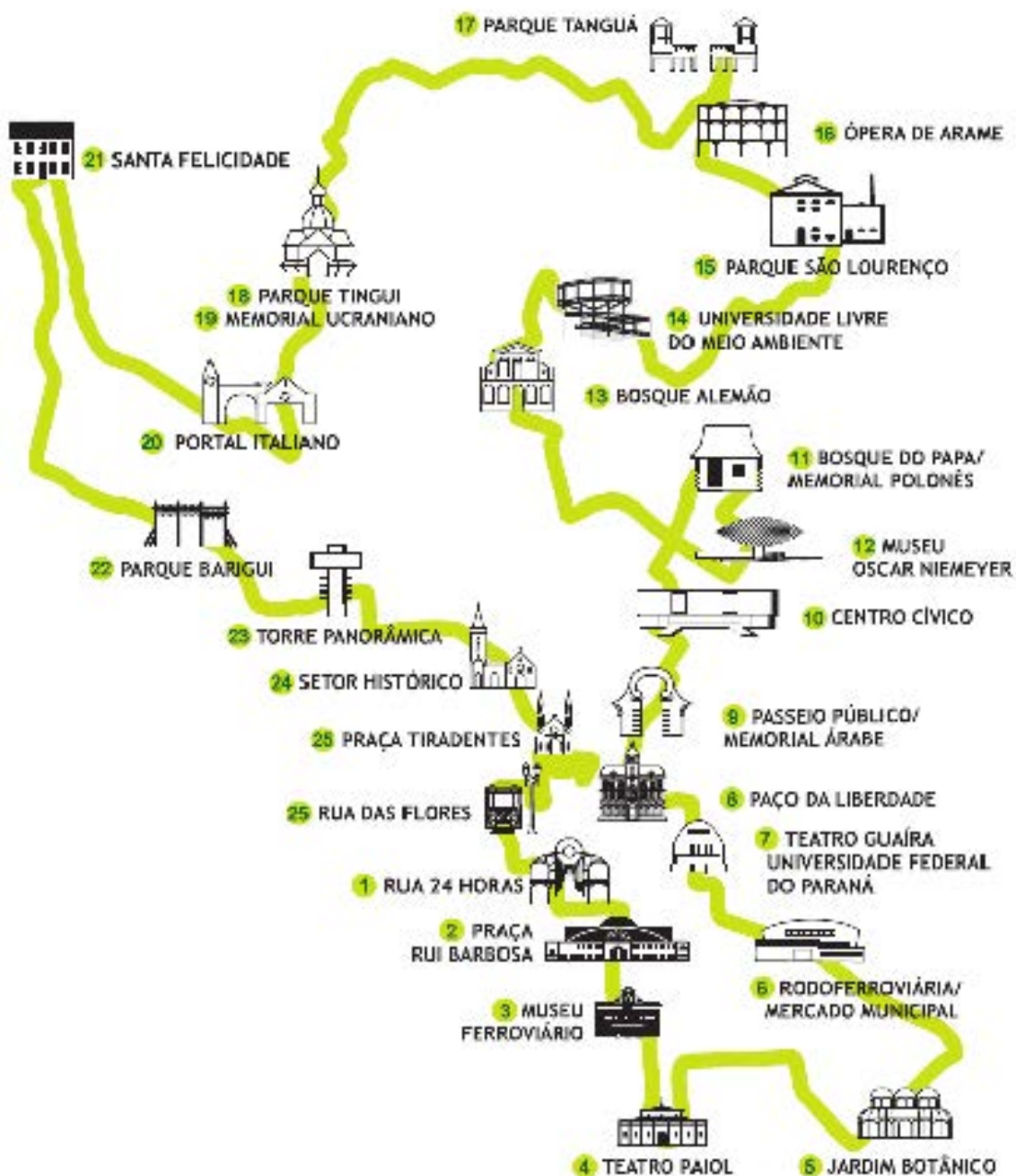


Figura 1. Roteiro da Linha Turismo (fonte: URBS, 2022).

3. Carnaval de Curitiba

*“Subi o morro da Mangueira
Estação Primeira pra mostrar
Que o samba brasileiro não é só
Rio de Janeiro
Também tem no Paraná”
Mãe da Cuíca³*

Em um levantamento realizado em 2005 pela Secretaria da Cultura do Estado do Paraná sobre as festas populares presentes no território paranaense, foram identificadas a Congada, o Fandango, a Festa do Divino, as Cavalhadas, a Folia de Reis e o Carnaval. Foram citados os carnavais de onze cidades do litoral e do interior, enquanto o carnaval curitibano foi descrito como “uma tradicional

manifestação do povo, que teima em existir apesar das dificuldades que surgem a cada ano”, o que pode ser compreendido como resultado das gestões municipais sobre o evento (BLUM, 2013).

Movimentos para acabar com o carnaval curitibano são constantes e ocorrem desde o século XIX, sendo corroborados por um acervo de piadas acerca do “carnaval polaco” da cidade – cuja folclórica e desajeitada existência se expressaria pela falta de jogo de cintura dos passistas “brancos”, baianas sem cor e baterias sem ritmo. Há quem diga que a “cidade” não deseja a festa carnavalesca e anualmente surgem propostas para utilizar o feriado para atividades mais “apropriadas” ao *ethos* da cidade, como festivais de música clássica, cinema, dentre outros (BAPTISTA, 2007).

A exemplo desses movimentos, em 15 de fevereiro de 1989, no jornal o Estado do Paraná, circulava a notícia a respeito da intenção de transformar Curitiba na capital do "Anti-Carnaval", e dizia que em 1972 duas assessoras do então prefeito Jaime Lerner advogavam a ideia de, ao invés de gastar milhões de cruzeiros tentando forçar um carnaval, a prefeitura deveria estimular concertos, seminários e outros eventos capazes de atrair as pessoas que detestam carnaval.

Mais recentemente, em 18 de maio de 2019, o governador Carlos Massa Ratinho Jr, durante a 25ª Marcha para Jesus, incentivou os organizadores a criarem um evento de fé, semelhante à Marcha, durante o período carnavalesco, a fim de atrair turistas de todo Brasil para a capital paranaense, como pode ser observado em notícia veiculada pelo Portal Bem Paraná.

Entretanto, festas carnavalescas ocorrem em Curitiba desde o século XIX e é nítido o aumento do carnaval de rua na cidade nos últimos 10 anos. A divisão temporal apresentada a seguir é pautada em eventos determinantes da estruturação da festa curitibana: o surgimento da primeira escola de samba (em 1945), do primeiro bloco pré-carnavalesco (em 1999) e a ocorrência da pandemia da COVID-19 (em 2020), cujos impactos na festa ainda estão para serem descobertos.

3.1 Até 1945

A primeira forma de brincar o carnaval na capital paranaense foi por meio do entrudo, brincadeira com certa dose de brutalidade, nas quais água, farinha, fuligem, urina, “limões de cheiro” , etc., eram arremessados contra o outro. Brincar esse primeiro carnaval curitibano não exigia nenhum planejamento, as pessoas não se organizavam em blocos, nem usavam fantasias (VIACAVA, 2010).

Apesar de popular, o entrudo reproduzia as regras do estatuto vigente no que diz respeito à separação das classes sociais – que não se comunicavam. Os escravos eram excluídos desses eventos em razão do sistema escravocrata vigente no país. Era comum surgirem anúncios nos jornais prometendo o pagamento de recompensas pelos “negros fujões”, que aproveitavam o período da festa para fugir da escravidão (FREITAS, 2004).

E ainda mesmo antes do entrudo, em 1729, os bailes de fandango eram proibidos no Paraná, então província de São Paulo, especialmente aqueles com a participação de escravizados – e tais bailes e o entrudo têm origens muito próximas. Já em 1807, um Edital determinou a pena de cinquenta açoites no Pelourinho e trinta dias de cadeia, além de multa de seis mil réis, aos que

cedessem espaços para bailes nos quais costumavam entrar escravos (BAPTISTA, 2007).

Posteriormente, com a popularização do entrudo, as autoridades de todo Brasil tentavam suprimir a brincadeira, considerada violenta e de mau gosto. Em 1861 foi promulgada a Lei que proibia a venda de “limões de cheiro” e, de acordo com Blum (2013), a maioria das leis promulgadas nessa década pela Câmara de Curitiba, era voltada à conduta dos costumes. Tais “manuais”, além de refletirem certos preconceitos dos grupos dominantes, visavam uma aproximação dos hábitos da burguesia europeia. Nesse contexto, as danças regionais (capoeira, carnaval) foram proibidas devido ao seu caráter lascivo e de “devassidão”.

A superação do entrudo em Curitiba no período em que foi decretada a emancipação política do Estado do Paraná, em 1853, a partir de quando Curitiba se tornou capital e procurou acompanhar os modismos da sede do Império, o Rio de Janeiro – que, por sua vez, seguia as tendências dos bailes franceses e das brincadeiras italianas. O primeiro baile ocorreu, de acordo com o Jornal O Dia, no sábado de Aleluia de 1854, no dia 27 de fevereiro. A partir de então, praticamente todos os clubes curitibanos começaram a realizar tais eventos. Esses primeiros bailes eram animados por orquestras, que tocavam modinha, valsa e polca, somente após os anos 20 que o choro e as marchinhas se tornaram as principais trilhas sonoras das festividades nos clubes (VIACAVA, 2010).

Ainda de acordo com Viacava (2010), no início do século XX a festa momesca já alterava a rotina dos moradores da cidade. Além dos bailes nos salões dos clubes, seus membros organizavam o Corso Carnavalesco: um desfile de carros alegóricos pelas ruas da cidade, inicialmente composto por charretes puxadas a cavalo. A maioria dos organizadores pertenciam a famílias de classe alta e tinham contato com os comerciantes locais – que patrocinavam a execução dos carros alegóricos. O povo vinha atrás dos carros abertos, todos enfeitados com flores, confetes e serpentinas. Em 1900, os jornais anunciavam que nos dias 25, 26 e 27 de fevereiro todas as linhas dos bondes teriam seus horários de funcionamento alterados até a uma hora da madrugada, para que grupos de jovens saíssem às ruas em carros abertos, acompanhados de bandas de músicas. O Corso começou a adquirir maior visibilidade quando começou a satirizar personagens da política local, situação evidente em 1915 quando o “Corso Maldito”, como ficou conhecido, criticou as obras faraônicas do prefeito Cândido de Abreu e do presidente do Estado, Carlos Cavalcanti (Figura 3). Em 1919 houve um aumento significativo dessa festa, sendo registrados 623 carros alegóricos – 573 automóveis, 39 autocaminhões e 11 carrocinhas.



Figura 2. Carro alegórico do Corso Maldito, de 1915 (fonte: IPPUC).

A partir dos anos 30, surgem em Curitiba os primeiros blocos carnavalescos que substituíram as saídas das tradicionais associações em carros alegóricos. Formados por pouco mais de 20 ou 30 pessoas de alguns clubes da cidade, buscavam trazer para a capital paranaense o carnaval brasileiro que começava a se tornar a grande festa nacional (FREITAS, 2004).

O corso entrou em decadência a partir dos anos 40, os motivos não são especificamente delimitados, mas ao substituir carroças por automóveis motorizados, os carros ideais para os desfiles eram os conversíveis, cujo preço de aluguel era muito elevado e, assim, o corso perdeu espaço para os novos blocos carnavalescos, segundo Viacava (2010).

3.2 1945 a 1999

Em 1945 surge a primeira Escola de Samba de Curitiba – a Colorado. Suas atividades tiveram início na antiga Vila Tassi, comunidade de trabalhadores que foram desabrigados para dar lugar à construção do atual Moinho Anaconda. Além de pioneira enquanto Escola de Samba, a Colorado foi a primeira a ser formada por elementos oriundos das camadas mais pobres da sociedade, incluindo negros. Era uma Escola eminentemente popular que tinha, além dessa, outra característica que a diferenciava das demais agremiações carnavalescas de Curitiba: a sua batida, sendo vista a sua Bateria como a única que produzia uma batida semelhante à das escolas do Rio de Janeiro. No decorrer da década, diversas outras Escolas de Samba surgiram na cidade, a maioria como desdobramento dos blocos dos clubes da cidade. O primeiro concurso do carnaval de rua de Curitiba foi organizado pelo jornal A Gazeta do Povo. O jornal impunha poucas regras para a realização do concurso, cuja participação era feita

através de inscrição gratuita e admitia a participação de foliões isolados (FREITAS, 2004).

Ainda de acordo com Freitas (2004), a intervenção do poder público municipal no concurso carnavalesco surge na década de 50. Jornais de 1952 diziam que naquele ano ocorreria um ressurgimento da alegria, graças ao apoio da prefeitura de Curitiba que instituiu uma Comissão Municipal, determinou o roteiro do concurso, o tempo de apresentação, escolheu a Rainha do Carnaval de Curitiba e relacionou as músicas que seriam cantadas nos desfiles. No ano seguinte, os jornais já noticiavam que somente desfilariam os blocos em acordo com o exigido pela Comissão de Festejos do Carnaval. Esse processo de burocratização da festa acarretou em regras impostas pela Prefeitura que visavam regulamentar até a quantidade de instrumentos de sopro que as Escolas poderiam utilizar em seus desfiles. Assim, o carnaval curitibano foi perdendo o ar da espontaneidade.

Dentre as regulamentações da gestão municipal acerca do carnaval curitibano, as mais emblemáticas dizem respeito ao espaço de realização dos desfiles. Viacava (2010), inclusive, divide as fases do carnaval na cidade de Curitiba de acordo com os locais dessa festa no decorrer dos anos, conforme pode ser observado a seguir, no Quadro 1. Esse contexto dialoga com o exposto anteriormente, a respeito do embate entre a comunidade carnavalesca e a FCC, que busca imprimir nas manifestações culturais a ordem imposta pelo planejamento urbano da “cidade-modelo”.

Quadro 2. Locais dos desfiles das escolas de samba de Curitiba (fonte: Viacava, 2010).

Período	Local dos desfiles	Contexto
1946 – 1970	Rua XV de Novembro	Consolidação do samba em Curitiba
1971 – 1998	Rua Marechal Deodoro	Período áureo do carnaval das Escolas de Samba de Curitiba
1999 – 2013	Av. Cândido de Abreu	Período de crises devido a falta de verbas e espaços para ensaio
2014 – Atualmente	Rua Marechal Deodoro	Conquista do retorno à Rua Mal. Deodoro, reivindicação antiga da comunidade do samba de Curitiba

Caroline Blum (2013) expõe que, por opção da própria comunidade do samba, na década de 80 a maioria dos Blocos se transformaram em Escolas de Samba, devido ao desejo de se apresentarem no carnaval com um enredo, carros alegóricos e divisão de alas. A autora diz, ainda, que esse processo não foi exclusivo da capital paranaense, devido à influência dos processos de modernização e à política do Estado Novo. Dessa forma, a população de Curitiba se encontrou sem uma opção para brincar o carnaval de maneira ativa, sem ser mero espectador de um espetáculo.

3.3 1999 a 2020

Devido às dificuldades institucionais para realização de desfiles de Escolas de Samba em Curitiba, e considerando a vontade da população de ter uma forma ativa de brincar o carnaval, novos blocos têm se estabelecido na capital paranaense. Garibaldis e Sacis (GeS), o primeiro desses novos blocos, surgiu em 1999. Se as Escolas de Samba buscam mostrar um espetáculo, o GeS desde

o início se propunha a ser “um bloco de merda”, como declarou um de seus fundadores, Itaércio Rocha, durante uma saída do bloco em 2012 (BLUM, 2013).

Driessen (2010) afirma que a opção pela espontaneidade foi uma escolha consciente feita pelo grupo e só foi possível por se definirem como um grupo pré-carnavalesco, uma vez que o carnaval oficial de Curitiba é altamente burocratizado. Os primeiros desfiles ocorreram nos domingos que antecediam o carnaval, após a Feira do Largo da Ordem, a fim de atrair o público que já estava ali. No primeiro ano saíram só com instrumentos e voz e, com o passar do tempo, passaram a ter megafones e carros de som (MAES, 2019).

O bloco, que realizava as saídas de forma independente, sem apoio ou financiamento, começou a encher as ruas do Centro Histórico de Curitiba, inicialmente com centenas e, mais recentemente, até milhares de foliões, durante os quatro domingos que antecedem o carnaval (DRIESSEN, 2010). Blum (2013) afirma que gradualmente o bloco foi sendo cooptado pela Fundação Cultural de Curitiba (FCC) para fazer parte da agenda oficial do carnaval de Curitiba, promovendo brincadeiras nas Ruas da Cidadania e ministrando oficinas carnavalescas. Desde 2014 o bloco promove, anualmente, em parceria com a FCC, uma saída no bairro Sítio Cercado – a fim de descentralizar a festa, e um desfile na Rua Marechal Deodoro em trio-elétrico.

Além do crescimento do próprio Bloco Garibaldi e Sacis, percebe-se um aumento no número de blocos na cidade e, conseqüentemente, no número de foliões. A reportagem de Jessica Maes (2019) traz, também, trecho de entrevista com Marcel Cruz, cantor do Garibaldi:

“A gente desfaz essa falácia de que Curitiba não tem carnaval, prova que tem e sempre teve, e as pessoas vão ficando mais engajadas com a festa. Agora têm pelo menos mais dez blocos na cidade. Isso significa um trabalho que germinou e está dando frutos. A gente está muito feliz com esse movimento e quer que tenha muito mais blocos na cidade.”

Pedro Oliveira, integrante dos blocos GeS, 10afinados & Daí, Burlesco Cachorras e Brasilidades diz: “são blocos com inúmeras bandeiras, cores e formas de resistência. A defesa pela cultura que acontece nas ruas, com os blocos é linda!”. Pedro Solak, por sua vez, diz à jornalista que a cidade aprendeu a ir pra rua e o bloco fez parte do processo de entendimento de que a rua é o lugar do cidadão. Além da apropriação do espaço urbano e das manifestações políticas e culturais, os blocos de rua movimentam a economia no centro da cidade:

“Alguns nichos, como os bares, sabem que [os blocos] dão lucro”, diz Solak. Mas a geração de renda não para por aí. “Tem uma quantidade de gente que faz camiseta [dos blocos], tem as costureiras e os tecidos [das fantasias]. Tudo isso gera lucro. Têm ainda as vendas de glitter, confete, serpentina, perucas – isso sem contar técnicos de som, equipamento, pneu, borracharia, combustível” (MAES, 2019).

Rohden (2018) corrobora essa percepção da ascensão do carnaval de rua de Curitiba, mencionando que os blocos começam a tomar as ruas da cidade com marchinhas, fantasias e purpurinas já em janeiro, e a programação segue para além da quarta-feira de cinzas.

A respeito desses novos blocos de Curitiba, algumas considerações merecem ser realizadas. Dos 17 blocos existentes, dois tem versões infantis – é o caso do Garibaldinhos (do bloco GeS) e Siribloquinho (do Siribloco). Por sua vez, a Bloca Ela Pode Ela Vai, criada em 2018, se identifica como um bloco de carnaval que

quer “estar junto para batucar e ocupar as ruas, estando ligado às resistências e lutas feministas e anticapitalistas”. A Bloca Saí do Armário e Me Dei Bem une o carnaval a militância pelos direitos da população LGBTI, com paródias de clássicas marchinhas que reforçam estereótipos de gênero, por exemplo: a famosa “Maria sapatão, sapatão, sapatão, de dia é Maria, de noite é João”, foi transformada em “Maria sapatão, sapatão, sapatão, deixa as gurias, piscando de tesão”. Outras bandeiras também são levantadas, como, por exemplo, do cicloativismo, pelo Bicibloco, e da legalização da maconha, pelo Batucannabis.

O Bloco Afro Pretinhosidade merece destaque nesse contexto. Com sede na Vila Torres e composto por 95% de pretos e pretas, busca “inserir as reflexões sobre as questões raciais e valorizar a cultura da periferia, que muitas vezes é deixada de lado”, explica Angela Maria da Silva, coordenadora do Bloco, em entrevista para Ana Carolina Caldas (2019). Organizando desfiles na região central da cidade, mas também na comunidade de origem, atrai cidadãos para o local, gerando visibilidade para a Vila, que é, frequentemente, estigmatizada. Além disso, atua como vetor de ações sociais em prol da população local.



Figura 3. Bloco Afro Pretinhosidade em desfile na Vila Torres (fonte: Coletivo Fotofolia).

Com números recordes de desfiles observados em 2019, a Fundação Cultural de Curitiba lançou o Edital nº 006/2019, para o cadastramento dos blocos para o carnaval e pré-carnaval de rua de 2020. O Edital visava disponibilizar infraestrutura básica (ambulância, brigadista, segurança privada para os artistas e banheiros químicos) para os blocos que possuíssem no máximo 1.999 integrantes. A disponibilização da infraestrutura estaria condicionada às datas e locais das apresentações, que o Edital limitava a ocorrer nas sextas, sábados e domingos em dois circuitos pré-determinados. Dessa forma, o pré-carnaval de Curitiba teria um total de 35 desfiles servidos por infraestrutura, número já inferior ao número de saídas dos blocos em 2019.

Apesar dessa nova tentativa de supressão da festa carnavalesca na cidade, o carnaval de 2020 foi ainda maior que o de 2019. A partir da divulgação dos

eventos via redes sociais, foi possível mapear o ponto de concentração e dispersão das saídas dos blocos, bem como contabilizá-las, a fim de tentar mensurar esse crescimento. O Quadro 3 apresenta os números de blocos e seus desfiles nos anos de 2019 e 2020. Esta análise considera as manifestações culturais realizadas pelos blocos carnavalescos independentes de Curitiba nos dias de carnaval, e nas semanas que os antecedem, iniciando a contagem no dia 1º de janeiro.

Quadro 3. Comparativo entre os carnavais de Curitiba (fonte: elaborado pela autora).

Carnaval curitibano	2019	2020	Varição (2019 – 2020)
Nº. de blocos	17	27	+59%
Nº. de desfiles	51	64	+25%

Na Figura 4 pode-se observar um recorte da região central do município, com a espacialização dos locais de encontro, dispersão e desfiles dos blocos no carnaval de 2019. Em tracejado preto estão ilustrados os trajetos indicados pela Prefeitura para os desfiles dos blocos de pré-carnaval em 2020, conforme o Edital que havia sido promulgado. Percebe-se que a festa, que ocupa poucos espaços na cidade, a depender da gestão municipal, ocuparia menos ainda as praças e ruas de Curitiba.

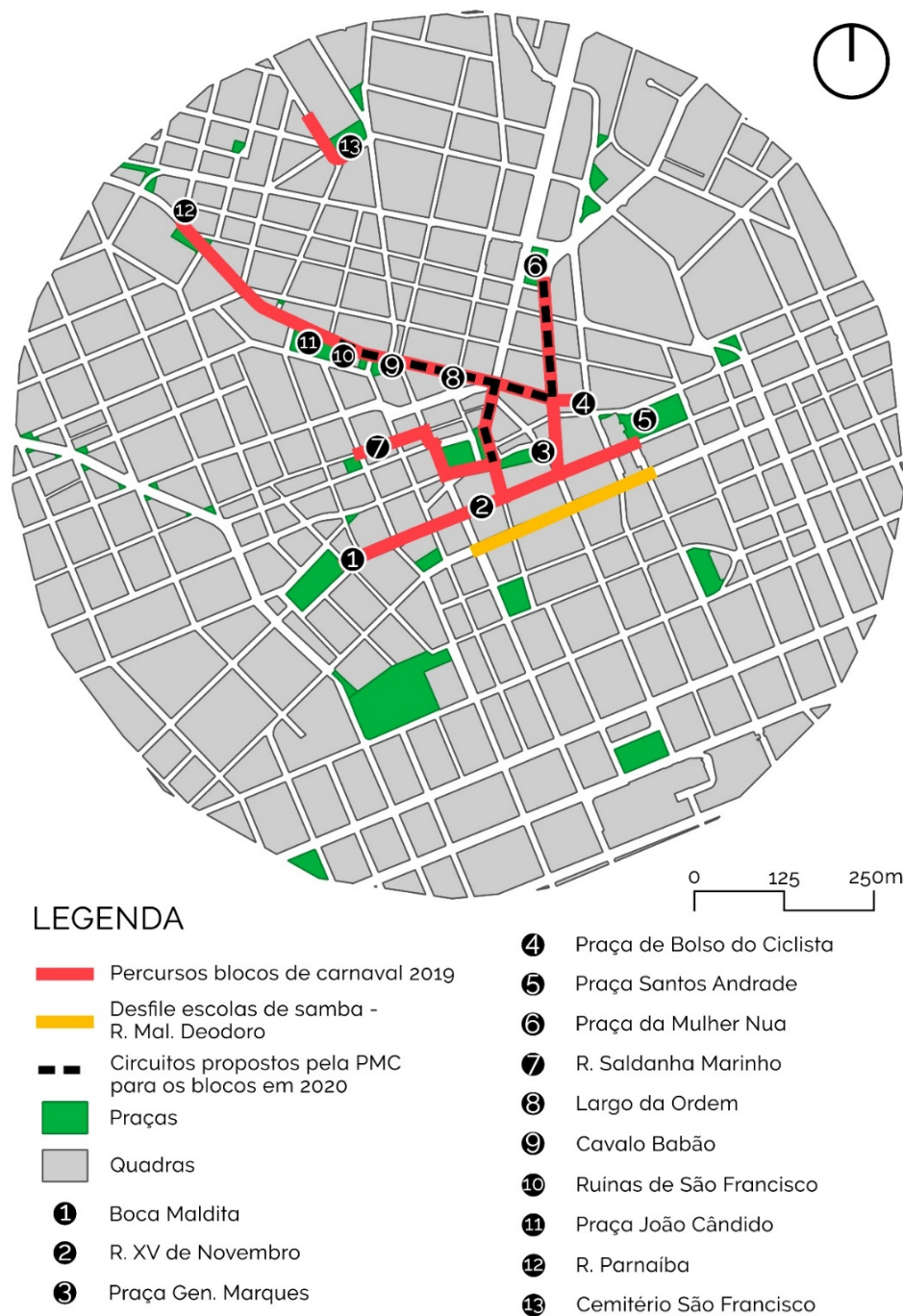


Figura 4. Espaços do carnaval de Curitiba (fonte: elaborada pela autora).

3.4 A partir de 2020

No dia 19 de março de 2020, Curitiba instituiu o início do isolamento social a fim de barrar a transmissão do coronavírus SARS-CoV-2, após registrar o primeiro caso confirmado da COVID-19 na cidade. Conforme exposto, o carnaval e o pré-carnaval vinham apresentando um constante crescimento na cidade, com números recordes em 2020. Com a necessidade da permanência das medidas de afastamento, os blocos e as Escolas de Samba não foram para as ruas no carnaval de 2021. Nesse contexto, a FCC organizou o “Carnaval Digital 2021”, em que sete escolas de samba gravaram clipes em diferentes pontos turísticos da cidade, como o Passeio Público, Parque Tanguá e Memorial Paranista. Os

clipes foram disponibilizados via redes sociais da FCC e do Conservatório de MPB de Curitiba (CURITIBA, 2021a).

Em setembro de 2021, a FCC lançou um Edital para o Carnaval de 2022, prevendo flexibilidade em relação ao formato da festa, podendo ser presencial ou digital, a depender da situação epidemiológica nos meses que antecederiam a festa. Com respaldo do Comitê de Técnica e Ética Médica da Secretaria Municipal de Saúde, em dezembro foi definido que a festa seria, novamente, no formato digital. Nesse contexto, o Fundo Municipal de Cultura contemplou oito escolas de samba e três blocos carnavalescos, com auxílio de R\$600 mil reais ao todo (CURITIBA, 2021b).

No dia 22 de julho de 2022 foi lançado o Edital Nº. 100/2022, a respeito do Carnaval de Curitiba de 2023. Com a pandemia da COVID-19 aparentemente sob controle, acredita-se que a festa voltará a ocorrer nas praças e ruas da cidade. Ao contrário do Edital Nº006/2019, que previa cadastramento e provisão de infraestrutura para os blocos do pré-carnaval, neste ano há apenas a previsão de auxílio financeiro para Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos, cujos desfiles deverão respeitar espaços e calendário a serem divulgados pela FCC. (CURITIBA, 2022b).

A existência de um Edital aos moldes do de 2019 não é benéfica para a cidade por tentar, mais uma vez, suprimir a festa, indicando espaços em que os blocos poderiam desfilar e número de pessoas que poderiam participar. Entretanto, indicava uma preocupação da Prefeitura em prover infraestrutura para os foliões do pré-carnaval de Curitiba – o que poderia ser realizado de maneira que já ocorreu em outras cidades, como Belo Horizonte e São Paulo, em que a Prefeitura, a partir de um diálogo com representantes dos blocos e o entendimento de seus desejos e necessidades, disponibilizou banheiros químicos e brigadistas em locais estratégicos.

Curiosamente, o ano de 1919 foi um destaque na história dos carnavais de Curitiba, conforme citado anteriormente, e em todo o país. Naquele ano, o Brasil havia recém superado a pandemia da gripe espanhola e, de acordo com Granchi (2022), há ainda memória popular acerca da festa que “tirou o atraso” pelos anos em que não pudera ser celebrada. De acordo com a jornalista, a imagem passada por autores como Nelson Rodrigues é de ter sido o carnaval menos conservador ocorrido até então, inclusive no que diz respeito a liberação sexual. Assim, nos resta aguardar pelo carnaval de 2023 para verificar se a tendência de crescimento observado no carnaval de rua de Curitiba se manterá, com a população se apropriando cada vez mais dos espaços públicos por meio de manifestações culturais.

4. Considerações finais: direito à cidade?

*“Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final
Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar”
Alcione*

É indiscutível os esforços das gestões municipais para a construção da imagem de uma capital europeia em Curitiba, desde a construção de parques, praças e memoriais, à repressão de manifestações culturais populares. Apesar de o

carnaval curitibano não configurar dentre as principais festas do Brasil, sua existência e crescimento são evidentes, bem como sua importância para parte da população local, que por meio da festa se posiciona politicamente e luta por visibilidade e direitos.

Para além da importância do carnaval enquanto oportunidade de lazer democrático e instrumento de manifestação política, as tentativas de restrição a esta festa, além de coibir a história e a expressão da população negra em Curitiba, cerceia o exercício do direito à cidade. Lefebvre (1991) afirma que é principalmente pelas festas que se utiliza a cidade, ou seja, suas praças, ruas, edifícios e monumentos; as festas nascem como oportunidade de experiência e apropriação do espaço urbano. Sobre essa apropriação, o autor destaca que a cidade deve se reafirmar como lugar de encontros e de vivências do lúdico, a fim de acabar com a dicotomia da vida cotidiana/festa ou cotidianidade/lazer. As festas devem ser restituídas na cidade para transformar a vida cotidiana, restituindo o uso e o gozar da cidade.

Para Bakhtin (1987) a festa é essencial para a civilização humana, pois, ao se libertar de todo utilitarismo e finalidade prática, se constitui como meio de entrar temporariamente em um universo utópico. As festas são utilizadas, também, para afirmar a coesão dos habitantes das cidades, bem como para construir uma unidade e ressignificar a identidade de grupos subalternizados, de acordo com Bezerra (2008), que cita como exemplo as festas da população negra do período colonial na Bahia, que possibilitaram rituais de identidade étnica, reunião solidária de escravos libertos e até ensaios para levantes contra brancos.

No mesmo sentido, Guimarães e Torres (2014) salientam que a festa transforma a cidade em espaço de troca e interação, por meio dos eventos festivos é que os cidadãos exercem seu direito à cidade, apropriando-se de toda arquitetura urbana. Assim, a festa se faz elemento articulador desse direito, atingindo a vivência urbana por completo e, dessa forma, se faz essencial para a construção da cidadania, ao mesmo tempo que confere fruição e alegria à vida urbana. Não existe um só motivo para festejar, mas a sociabilidade e o prazer de estar com o outro, articulando-se em um espaço, é o que faz a festa acontecer. Então, a festa não implica em outra finalidade que não ela mesma, e a cultura continua sendo recurso da sociedade civil como forma de participar da vida urbana e se posicionar politicamente.

A prática observada nas gestões municipais de Curitiba, no que diz respeito à política cultural, dialoga com Carlos (2020) que expõe que a cidade hoje se transforma em mercadoria, de forma que o valor de troca se sobrepõe em detrimento ao valor de uso, degradando relações sociais. Essa tendência altera profundamente o espaço e o tempo das atividades humanas, de forma que a cidade não se consolida como obra perpétua de seus habitantes, conforme idealizado por Lefebvre, mas se torna receptáculo passivo das políticas de planejamento. Assim, se faz necessária uma nova cidade, em que a própria vida cotidiana se torna apropriada, através da ciência, da arte, da dominação sobre a natureza material.

6. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec/UnB, 1987.

BAPTISTA, Selma. **Carnaval curitibano: cidadania, cultura popular, etnicidade e políticas públicas de cultura**. Relatório de pós-doutorado, USP. São Paulo. 2007.

BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 23, p. 7-18, jan./jun. 2008.

BLUM, Caroline Glodes. **Carnaval curitibano: o "lugar" de uma festa popular na cidade**. 2013. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36861>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BRAGA, S.S.; VIEIRA, L.M. Análise da viabilidade turística e cultural do carnaval de Belo Horizonte (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo**. São Paulo. V.6, n.5, nov-2013/jan-2014, pp.910-925.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CALDAS, A. C. Pretiniosidade resgata raiz popular do Carnaval em Curitiba. **Brasil de Fato**. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefatopr.com.br/2019/01/31/pretiniosidade-resgata-raiz-popular-do-carnaval-em-curitiba>. Acesso em: 29 ago. 2022.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direto à cidade”. **Revista Direito e Práxis**. V 11. Nº 1. p. 349-369. Mar. 2020. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/3cBsV3Vx7Yvw9SqvcqyVrbc/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CURITIBA. URBS. Curitiba. **Linha Turismo**. 2022. Disponível em: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/linha-turismo>. Acesso em: 05 out. 2022.

_____. FCC. **Edital de inscrição: Carnaval 2023 (EDITAL Nº 100/2022)**. 2022. Disponível em: http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/leideincentivo/ed_100_2022/. Acesso em: 07 nov. 2022.

_____. FCC. **Escolas de samba de Curitiba desfilam nas mídias sociais**. 2021. Disponível em: <http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/escolas-de-samba-de-curitiba-desfilam-nas-midias-sociais/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

_____. **Carnaval em Curitiba será celebrado em formato virtual**. 2021. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/carnaval-em-curitiba-sera-celebrado-em-formato-virtual/62088>. Acesso em: 07 nov. 2022.

_____. FCC. **Edital nº 006**, de 2019. Edital de chamamento público para cadastramento de blocos carnavalescos para o pré-carnaval de rua de Curitiba de 2020. CURITIBA, PR.

DRIESSEN, Julia Basso. **Garibaldis & Sacis: Uma iniciação à alegria**. 2010. 95 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em:

<<http://www.humanas.ufpr.br/portal/arquivos/DRIESSEN,%20Julia%20Basso.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2022.

ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, túmulo do Carnaval. Curitiba. 15 fev. 1989. Disponível na Biblioteca Pública do Paraná.

FREITAS, João C. **A Escola de Samba Colorado**: a primeira escola de samba de Curitiba. Monografia. Aperfeiçoamento/Especialização em História da Música Popular Brasileira. Faculdade de Artes do Paraná. Orientador: prof^o Dr^o Marcos Francisco Napolitano de Eugenio. Curitiba, 2004.

GRANCHI, Giulia. A história do marcante Carnaval de 1919: o primeiro após a pandemia da gripe espanhola. **BBC News Brasil**. São Paulo. 22 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61195179#:~:text=Em%201919%2C%20os%20blocos%20carnavalescos,capital%2C%20o%20Rio%20de%20Janeiro>. Acesso em: 20 dez. 2022.

GUIMARÃES, Alice Demattos; TORRES, Ramon da Silva. Festa e cidade: e aí?. **Multiface**, Belo Horizonte, v. 2, p.6-12, jul. 2014. Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/multiface/article/view/2848>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

HAESBAERT, Rogério. De categoria de análise a categoria da prática: a multiplicidade do território numa perspectiva latino-americana. In: FRIDMAN, Fania et al (Orgs.). *Políticas públicas e territórios: onze estudos latino-americanos*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1991.

MACEDO, Rafael. V. G. D. **Curitiba, luz dos Pinhais**. Curitiba: Solar do Rosário, 2016.

MAES, Jessica. Pré-carnaval em Curitiba: bloco Garibaldis e Sacis arrasta multidão há 20 anos. **Gazeta do Povo**. Curitiba. 22 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/pre-carnaval-em-curitiba-bloco-garibaldis-e-sacis-arrasta-multidao-ha-20-anos-94h62vnle4uhywlz4g61wywuk/>>. Acesso em: 14 out. 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Larisse. **Linha Preta**: análise sobre o roteiro negro e a invisibilidade curitibana. 1ª ed. Curitiba: Editorial Casa, 2021.

PORTAL BEM PARANÁ. Governador sugere evento como a Marcha para Jesus no Carnaval de Curitiba. 2019. Disponível em:

<https://www.bemparana.com.br/noticias/parana/governador-sugere-evento-como-a-marcha-para-jesus-no-carnaval-de-curitiba/>. Acesso em: 15 out. 2019.

QUIJANO, Aníbal. O que é essa tal de raça? In: SANTOS, Renato Emerson (Org). *Diversidade, Espaço e Relações Étnico-Raciais: O Negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Guttenberg, 2007. pp.91-112.

ROHDEN, Julia. Pré-carnaval independente quebra estereótipos nas ruas de Curitiba. **Brasil de Fato**. Curitiba, 02 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/02/02/pre-carnaval-independente-quebra-estereotipos-nas-ruas-de-curitiba-confira-a-agenda/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

SANCHEZ, Fernanda E. G. Curitiba anos 90: cultura e política na produção de imagem da cidade. In. **XVIII Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu – MG. 23 a 27 de novembro de 1994.

_____. **Cidade Espetáculo: Política, Planejamento e City Marketing**. 1. ed. Curitiba: Editora Palavra, 1997. v. 1000. 168p.

SAVOIA, Sandro; COELHO, Ilanil; LIMA, Felipe. Linha Turismo de Curitiba: políticas urbanas e imagens da cidade. **MÉTIS: história & cultura** – v. 18, n. 35, p. 11-32, jan./jun. 2019. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/7795>>. Acesso em 28 de nov. 2021.

SOUZA, Marcilene, G. **Juventude negra e racismo: o Movimento Hip Hop em Curitiba e a apreensão da imagem de “Capital Europeia” em uma “harmonia racial”**. Dissertação (Mestrado). Curso de Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2003.

THOMAS, June Manning. Planning history and the black urban experience: Linkages and contemporary implications. **Journal of Planning Education and Research**. 14 (1), 1-11, 1994.

VAINER C. 2014. Disseminating ‘best practice’? The coloniality of urban knowledge and city models. In: PARNEIL S, OLDFIELD S, editors. *The Routledge Handbook on Cities of the Global South*. Oxon, New York: Routledge, p. 48-56.

VIACAVA, Vanessa Maria Rodrigues. **Samba quente, asfalto frio: uma etnografia entre as escolas de samba de Curitiba**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2010. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25512>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

¹ O termo “carnavalização” foi cunhado por Bakhtin (1987) para se referir ao conjunto de comportamentos ligados à inversão, ao exagero, à caricatura e ao humor. Em livro publicado pela primeira vez em 1960, o filósofo russo estudou as obras de Rabelais, escritor francês do século XVI. A partir das análises das histórias da cultura popular medieval, Bakhtin entendeu que o mundo carnavalizado não se restringe ao período do Carnaval, mas diz respeito às festas do povo, às brincadeiras grosseiras e inversões da realidade típicas das brincadeiras populares da Idade Média. Nesse

sentido, Ferreira (2004, p. 24) afirma que o espírito de carnavalização pode se manifestar em qualquer lugar, em qualquer época do ano; mas que o Carnaval se apresenta como uma festa com data determinada. Em suma, no Carnaval existe carnavalização, mas nem toda carnavalização é um Carnaval.

² Batalha naval entre o navio inglês HMS Cormorant e a Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres de Paranaguá. O navio tinha como objetivo fiscalizar e reprimir o tráfico negreiro em todo atlântico sul. Ao se deparar com embarcações brasileiras com fortes indícios de transporte de escravizados, que negaram a ordem de inspeção da nau inglesa, na altura do litoral paranaense, o comandante inglês adentrou a Baía de Paranaguá em perseguição àquelas embarcações, onde encontrou outras barcas utilizadas para o mesmo fim. No dia 1º de julho de 1850, quando a nau inglesa seguia para o litoral da África com três navios brasileiros apreendidos, a população abriu fogo contra o HMS Cormorant, a partir da Fortaleza. O conflito durou cerca de 30 minutos.

³ Ismael Cordeiro, ou Maé da Cuíca, é figura central do samba e do carnaval de Curitiba. Em 1945 fundou a Escola de Samba Colorado, a primeira de Curitiba. Foi o autor do primeiro samba-enredo curitibano e de diversas outros sambas paranaenses.